

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

RENATO NEVES AMORIM

A MÍDIA GLOBAL: um caminho livre para o negacionismo climático

Uberlândia - MG

2022

RENATO NEVES AMORIM

A MÍDIA GLOBAL: um caminho livre para o negacionismo climático

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas, área ambiental, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a Obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora: Daniela Franco Carvalho

Uberlândia - MG

2022

RENATO NEVES AMORIM

A MÍDIA GLOBAL: um caminho livre para o negacionismo climático

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas, meio ambiente, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a Obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Uberlândia, 18 de março de 2022

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Lúcia Estevinho
Universidade Federal de Uberlândia

Professor Leonardo Degraite
Universidade Federal de Uberlândia

Dedico este trabalho a todos os que me ajudaram ao longo desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho.

"A natureza pode suprir todas as necessidades do homem, menos a sua ganância"

Gandhi

RESUMO

Problemas ambientais, como o aquecimento global, são temas de discussão em todo o mundo, porém há quem diga que não existe nenhum problema ou alteração climática acontecendo. O espaço aberto pela grande mídia a pessoas que negam as alterações climáticas tem se intensificado, gerando equívocos em nossa atual sociedade. O objetivo do artigo foi trazer à tona o que está sendo dito por estes negacionistas climáticos, como a grande mídia tem contribuído para que estas informações errôneas sejam divulgadas e como estas informações podem influenciar uma sociedade a não se interessar por questões ambientais. Discutimos ainda como a grande mídia, em busca de audiência, abre espaço para o negacionismo climático e as consequências desse processo.

Palavras-chave: mídia, meio ambiente, negacionismo.

ABSTRACT

Environmental issues, such as global warming, are hot topics around the world, but some say there is no problem or climate change going on. The space opened by the mainstream media to people who deny climate change has intensified, creating misconceptions in our current society. The purpose of the article is to bring out what is being said by these climate denialists, how the mainstream media has contributed to this misinformation being disclosed and how this information can influence a society not to be interested in environmental issues.

Keywords: media, environment, denialism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Exemplo de adulteração de informações nas redes sociais sobre o meio ambiente.	20
Figura 2 — Adulteração de informações sobre queimadas no Brasil pelo presidente de janeiro a agosto de 2019.	21
Figura 3 — E os dados reais abaixo.	21
Figura 4 — Matéria do G1 sobre a temperatura global no século 20.	23
Figura 5 — Matéria do jornal El País.	25
Figura 6 — O presidente Donald Trump nega alterações climáticas nos EUA.	27
Figura 7 — Temperatura média do planeta de 1880 à 2016.	30
Figura 8 — Principais emissores de gases do efeito estufa.	31
Figura 9 — Diminuição do gelo ártico entre 1979 e 2003.	33
Figura 10 — Estações meteorológicas brasileiras.	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFC – Cloro Fluor Carbono

EUA – Estados Unidos da América

IPCC – Intergovernmental Panel on Climate Change

NASA – National Aeronautics and Space Administration

ONG – Organizações Não Governamentais

ONU – Organização das Nações Unidas

STJ – Supremo Tribunal Federal

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	MATERIAIS E MÉTODOS	13
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	15
3.1	NO LIMIAR PARA O DESCASO COM O MEIO AMBIENTE	15
3.2	A GRANDE MÍDIA.....	18
3.3	NEGACIONISMO CLIMÁTICO	24
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

“Hoje em dia, o ser humano apenas tem entre si três grandes problemas que foram ironicamente provocados por ele próprio: a superpovoação, o desaparecimento dos recursos naturais e a destruição do meio ambiente. Triunfar sobre estes problemas, visto sermos nós a sua causa, deveria ser a nossa mais profunda motivação.” Jacques Yves Cousteau (1910-1997)

Com o avanço da tecnologia e do conhecimento científico – principalmente após a Segunda Guerra Mundial – nosso mundo tem passado por transformações que estão alterando o planeta de forma alarmante. Nossa atual sociedade vem fazendo uso excessivo dos recursos naturais tornando-os escassos, dentre estes recursos não estão apenas o petróleo e o gás natural, mas também a água potável, o bem mais precioso e necessário para a sobrevivência da fauna e a flora do nosso planeta. Na década de 1990, com as mudanças ambientais globais bem documentadas, surgiram diversas iniciativas humanistas, ampliando a ideia de ética, responsabilidade e justiça dentro da modalidade transdisciplinar dos estudos ambientais (ROOBIN, 2018, p. 1).

Devido aos inúmeros problemas ambientais, alguns grupos começaram a se preocupar dando início aos movimentos ambientalistas em todo o mundo. A maioria destes movimentos são ONG's (Organizações não Governamentais) como o Greenpeace e o SOS Mata Atlântica. No entanto, sob organização da ONU, diversos países têm se reunido nas conferências sobre o meio ambiente, para discutir e traçar planejamentos e melhores estratégias para a preservação ambiental. Destas conferências, as principais foram: Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, em Estocolmo (1972), Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro (1992) e a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, em 2002, na cidade de Johannesburgo (Silva, 2011).

Os problemas causados ao meio ambiente interferem de alguma forma, na vida de todos nós, mas atualmente o sentimento que se percebe em relação à natureza é de desinteresse, onde a mesma é vista como fruto de consumo em uma sociedade consumista.

Em nossa atual sociedade, tudo pode ser tido como objeto de consumo, isto são características de uma sociedade líquida, ou seja, tudo é fluidez, nada é sólido,

nada é durável, tudo é substituível. Uma sociedade assim só pode seguir um único caminho: a do egocentrismo. Cada vez mais cresce a dificuldade de enxergarmos o próximo: nosso sentimento de empatia está se desfalecendo dentro de uma bolha onde moram a nossa rotina e nossa individualidade. Em nosso mundo de furiosa 'individualização', os relacionamentos são bênçãos ambíguas (BAUMAN, 2003, p. 10). Nesta sociedade, que provavelmente alegaria falta de tempo se fossem abordados pelo assunto, o meio ambiente acaba sendo o menor de seus problemas.

Uma sociedade individualista certamente é um problema para as causas ambientais, mas o que mais pode levar uma pessoa a não se preocupar com o meio ambiente?

Podem haver inúmeros motivos para esta negligência, porém, a avalanche de informações que temos acesso hoje em dia, a qual, na maioria das vezes, é repassada pela grande mídia, dificulta a filtragem e distorce os fatos. Essa situação piora quando esta mídia abre espaço para pessoas que negam as alterações climáticas, dificultando ainda mais o entendimento da sociedade em relação a temas científicos.

Sendo assim, o objetivo deste artigo, além de instigar o entendimento do leitor para as causas ambientais, é elucidar alguns pontos importantes sobre o meio ambiente, como estas informações são passadas a população e como informações incorretas podem levar a uma indiferença sobre o tema. Além também de corroborar que dentre estes pontos o que mais implica esta adjunção são as mídias e como elas dão espaço a negacionistas ambientais e científicos.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este texto foi composto tendo como base a pesquisa narrativa. Para Clandinin e Connelly (2011, p. 49) “Experiência acontece narrativamente. Pesquisa narrativa é uma forma de experiência narrativa”. O conceito de experiência utilizado por esses autores é considerado o arcabouço da investigação narrativa marcada pela tridimensionalidade entre situação, continuidade e interação da história vivida (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.84).

“A pesquisa narrativa, desse ponto de vista, é uma tentativa de fazer sentido da vida como vivida. Para começar, ela tenta descobrir aquilo que é tomado por certo. E quando esses aspectos também começam a ser tomados por certos pelo pesquisador, então o pesquisador pode começar a participar e ver as coisas que funcionaram, por exemplo, na enfermaria do hospital, na sala de aula, na organização” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.116).

O pesquisador narrativo registra ações e afazeres, além de simples acontecimentos e outras expressões narrativas, e “isso é o objeto da pesquisa narrativa para o pesquisador preocupado com o distanciamento e intimidade na pesquisa” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.117). Ou seja, o trajeto da pesquisa narrativa está na vivência de diversas experiências de uma paisagem que proporcionam um processo reflexivo de aprendizagem baseado em recolher tais expressões narrativas em forma de textos de campo e recontá-las em uma pesquisa.

Por isso trabalhar com narrativas na pesquisa exige uma relação dialógica de dupla descoberta entre pesquisador e objeto de estudo na mesma proporção que existe uma relação dialética entre narrativa e experiência (CUNHA, 1997, p. 187 e 188).

Lieblich, Tuval-Mashiach e Zilber (1998) apontam duas dimensões da pesquisa narrativa: a holística em oposição à categorial e a de conteúdo em oposição à da forma. Sobre essa perspectiva narrativa – tendo como embasamento artigos científicos, sites e vídeos da internet – o texto a seguir pôde ser trabalhado destas duas formas. Na primeira dimensão de pesquisa narrativa, a holística em oposição à categorial, o objetivo foi verificar a veracidade das informações imposta de forma introdutória e errônea sobre o tema em questão, buscando, em outras narrativas, principalmente acadêmicas, a falseabilidade das mesmas. Na segunda

forma, a de conteúdo em oposição à da forma, o objetivo foi de explicar como informações equivocadas podem causar essa indiferença na população sobre o tema em questão. A narrativa do texto é interpretativa, seletiva e comparativa, deixando claro o posicionamento favorável às questões ambientais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 NO LIMIAR PARA O DESCASO COM O MEIO AMBIENTE

De acordo com nossa legislação, temos a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 (Política Nacional da Educação Ambiental) que fala sobre a obrigatoriedade da Educação Ambiental ao longo de todos os setores educativos e todos os níveis e categorias. Só que este conteúdo que vem sendo abordado nas escolas, parece que não está sendo suficiente para que os jovens cresçam com uma empatia para com os problemas ambientais. Todavia, ter uma formação superior, não significa que será uma porta de entrada para o meio ambiente. No curso de Ciências Biológicas por exemplo, existem inúmeras outras áreas que o estudante pode se interessar: genética, microbiologia, parasitologia, embriologia, etc. Como também existem pessoas extremamente ativas na defesa do meio ambiente que não possuem nenhuma ligação com o ensino superior na área ambiental, como Greta Thunberg, Ailton Krenak, Sonia Guajajara, Davi Kopenawa, etc. Ou seja, estas pessoas tiveram o contato com o meio ambiente, mas fora do meio acadêmico.

Esta educação ambiental é importante em um primeiro momento para o aluno, principalmente para que os jovens não tratem a questão ecológica como um problema futurista e sim imediatista. Para Cortella (2017), em ecologia trabalha-se com a noção de que “vai acontecer”, em vez de “está acontecendo”. Com esse discurso, é praticamente impossível fazer com que alguém que tem 20 anos de idade se preocupe com algo que pode acontecer daqui a cinquenta anos.

O conceito de evolução visto de forma incorreta, também pode prejudicar a relação do ser humano com o meio. As pessoas têm pensado em evolução como se nós estivéssemos avançando sempre para a perfeição, mas este pensamento sobre evolução é incorreto.

“Nem toda evolução significa uma mudança para melhor. Na cabeça da maioria das pessoas, a palavra ‘evolução’ também está associada ao darwinismo, mas o fato é que Darwin tinha vergonha de usar o termo evolução. Em seu diário, ele prefere usar a palavra ‘transformação’, e só usava ‘evolução’ no sentido de mudança. Ele fala apenas que as espécies se transformam – algumas inclusive para pior, pois desapareceram. O

câncer evolui, as encrencas, os problemas e os confrontos evoluem, e ninguém pode dizer que isso é uma coisa boa” (Cortella, 2017, p. 36).

Pensando dessa forma, qualquer que sejam os problemas causados pelo homem, incluindo os problemas ambientais, seriam vistos somente como um antecedente de um futuro melhor.

O antropocentrismo, uma forma de pensamento comum em alguns métodos filosóficos e em algumas crenças religiosas, também é um problema para o meio ambiente. O antropocentrismo atribui uma posição de centralidade em relação a todo o universo e com o meio ambiente não é diferente. Esta concepção define a ética ecocêntrica, que surge a partir das ideias de Aldo Leopold na década de 1940, mas que passa a ser mais bem conceituada na década de 1980. Atualmente, já existem pesquisadores que se debruçam sobre os temas do ecocentrismo e vêm publicando estudos em diversas áreas com foco nesta ética ambiental (SILVA e MANSUR, 2020, p. 1). Uma sociedade antropocêntrica seria aquela que usaria esta justificativa para o consumo inconsciente de tudo ao seu redor, incluindo os recursos naturais. Os indivíduos desta sociedade se esbanjam com os recursos do meio ambiente “como o fariam com qualquer ato de consumo que presuma a satisfação instantânea e, de modo semelhante, a instantânea obsolescência do objeto consumido” (BAUMAN, 2004, p. 48). Um dos campos que melhor exprime o reducionismo epistêmico da razão moderna é, sem dúvida, a dificuldade com o qual o pensamento antropocêntrico e positivista abordou a questão da natureza (FELICE, TORRES & YANAZE, 2010, p. 85).

Esta sociedade minimiza os próprios danos que ela causa, para ela o meio ambiente está aí para servi-la e só serve para este fim, porém este pensamento não se sustenta com o tempo. A dramática urgência da questão ambiental que caracteriza a nossa época é o desvelamento do fracasso da lógica antropocêntrica e separacionista imposta pela razão e pelo pensamento ocidental (FELICE, TORRES & YANAZE, 2010, p. 96).

Outro motivo talvez seja porque a mente do ser humano é descontínua. De acordo com Dawkins (2003) isso quer dizer que ela tem uma incapacidade de enxergar processos, que é muito mais fácil para a mente humana enxergar coisas prontas. Por isso é muito difícil para alguém que não está em contato ou que não tem interesse no meio científico entender de imediato um processo de seleção natural ou a imensidão do universo. Por esse motivo também é difícil para esta

pessoa entender um problema ambiental como, por exemplo, o aquecimento global, porque não é um problema que tem uma consequência do dia para a noite. Para uma pessoa que mora em uma cidade grande, cercada de prédios e veículos, fica difícil imaginar o derretimento de calotas polares, o desmatamento de florestas ou mesmo a poluição de um rio, porque na maioria das vezes essa pessoa não está tendo contato com nada disso.

Existe também um princípio científico e filosófico que se chama Navalha de Occam que, de acordo com Gleiser (2013), é um argumento minimalista que defende que o argumento ou explicação mais simples para um fenômeno, conceito ou teoria é a que deve prevalecer. Seria então uma alegação que, entre duas explicações sobre o mesmo tema, é provável que seja aceitável o argumento mais simples e não o mais complexo. Segundo Pecker (2004), este instrumento metodológico foi proposto por William de Occam (1285-1347), um monge franciscano nascido no Reino Unido e falecido na Alemanha.

Existem inúmeros exemplos que podem ser pontuados referente a este princípio da Navalha de Occam, dentre eles podemos citar o discurso entre o criacionismo e a evolução. Claro que existem também os fatores culturais religiosos ocidentais, mas partindo do pressuposto que a pessoa nunca estudou sobre evolução ou nunca ouviu falar desse tema, o mais provável é que ele aceite a teoria do criacionismo, por ser muito mais simples. Um outro exemplo: quando um presidente que nega a ciência diz que uma vacina não funciona, para uma população que não sabe o que tem dentro de uma vacina, existe uma possibilidade de que essa população acredite neste presidente. E isso também acontece com a questão ambiental: se um negador de algum problema ambiental for a um programa na TV aberta e disser “não existe problema ambiental”, o mais provável é que o telespectador, leigo e cheio de problemas do cotidiano, acreditará por ser o caminho mais simples.

Pode-se dizer então, tendo em vista estes aspectos, que a pessoa está mergulhada em uma complexidade de vida que a impede de ter um olhar crítico em relação às informações que lhe são passadas e quando esta informação chega à população, muitas vezes é de forma incorreta e incompleta.

O principal meio responsável pelo repasse destas informações é a grande mídia, sendo ela categorizada como mais um fator para o desinteresse ecológico da população.

3.2 A GRANDE MÍDIA

As informações e problemas ambientais são repassadas à opinião pública de duas formas: pela grande mídia, não especializada em meio ambiente e pelos veículos de mídia ambiental. Os veículos especializados em mídia ambiental são escassos e não chegam a dispor dos recursos que a grande mídia tem, que por sua vez, alcança um número muito maior de espectadores.

Isto acaba virando um problema quando a grande mídia não expõe ou expõe de forma deficiente e incompleta a informação de um determinado problema ambiental. Podemos citar como exemplo de deficiência de reportagem da grande mídia o caso do rompimento da barragem de Mariana em novembro de 2015, uma destruição ambiental sem tamanho.

Da mesma forma, o rompimento da barragem de Brumadinho, recentemente em janeiro de 2019, já teve o seu “desfecho midiático”: Alguns funcionários presos e em seguida soltos pelo STJ (FARIAS, 2019) e mais de 200 mortos (G1, 2019). A grande mídia prioriza a veiculação de desastres com vidas humanas e imagens fortes pois aspectos que fazem alavancar a audiência e, por conseguinte, os lucros com propaganda. Se termos em vista que para grandes veículos de mídia a audiência é o fator primordial, porque então não trazer estes assuntos à tona? Como estão estes lugares hoje em dia? Quem pagou a conta deste desastre? Conseguimos verificar estas informações se procurarmos na internet ou em canais específicos, mas e quem não tem acesso a essas informações?

Verificando as notícias daquela época, os dados revelam que a mídia atribui responsabilidade pelas tragédias à empresa e ao poder público, mas representa a “lama” como protagonista da destruição, ativando o discurso de causas acidentais, com apagamento da natureza criminosa dos eventos (SILVA ET AL, 2021, p. 1).

Conforme noticiado pela mídia¹, a Polícia Federal concluiu inquérito sobre o desastre da Barragem, em meados de 2016, e detalhou as causas que contribuíram para o rompimento de Fundão. Segundo o delegado responsável pelas investigações, a Samarco assumiu o risco e privilegiou o lucro em detrimento da segurança. A empresa estava ciente de diversas falhas que a estrutura apresentava. Ao tratar das ações de reparação, a mídia representa a empresa como portadora de socorro e soluções, levando a uma subversão semântica em que o agressor se torna salvador (SILVA ET AL, 2021, p. 1). Hoje em dia, podemos verificar sobre estas duas tragédias em alguns locais específicos na internet, voltados para preservação ambiental. Na TV aberta, nada mais é falado a um bom tempo.

Os veículos da grande mídia têm a obrigação de manter a população informada sobre estes assuntos, mesmo que seja para contradizer informações adulteradas de outras mídias. Por exemplo: não é difícil de encontrar na mídia nacional algumas deturpações sobre o assunto como podemos ver a seguir (Figura 1, 2 e 3). Lembrando que a grande mídia citada aqui, se refere aquela alcança um grande número de pessoas, ou seja, as emissoras de TV aberta e rádios, como também as mídias digitais, como o Whatsapp, Youtube e as redes sociais.

¹<https://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/2016/06/pf-conclui-inquerito-da-tragedia-de-mariana-e-indicia-8-pessoas.html> (Acesso em: 19/03/2022)

Figura 1 — Exemplo de adulteração de informações nas redes sociais sobre o meio ambiente.



Carlos Bolsonaro ✓
@CarlosBolsonaro



O aquecimento global
proporcionando o dia mais frio do ano
no Rio de Janeiro! 🤔

6:29 AM · 19 de jul de 2017



Prof Alexandre Costa
@alexaraujoc

Follow

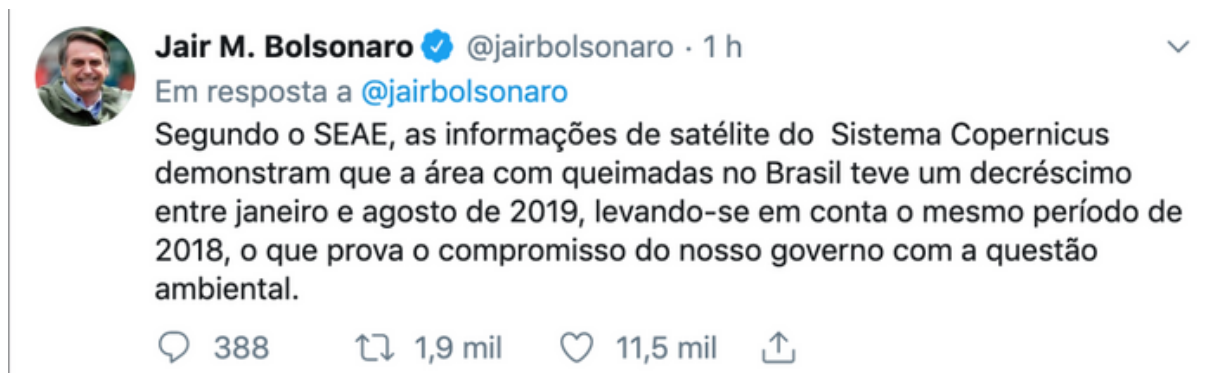


Aquecimento global: aquele tema de ciência
em que é difícil saber quem tem razão, se o
Neil deGrasse Tyson ou o filho do Bolsonaro.



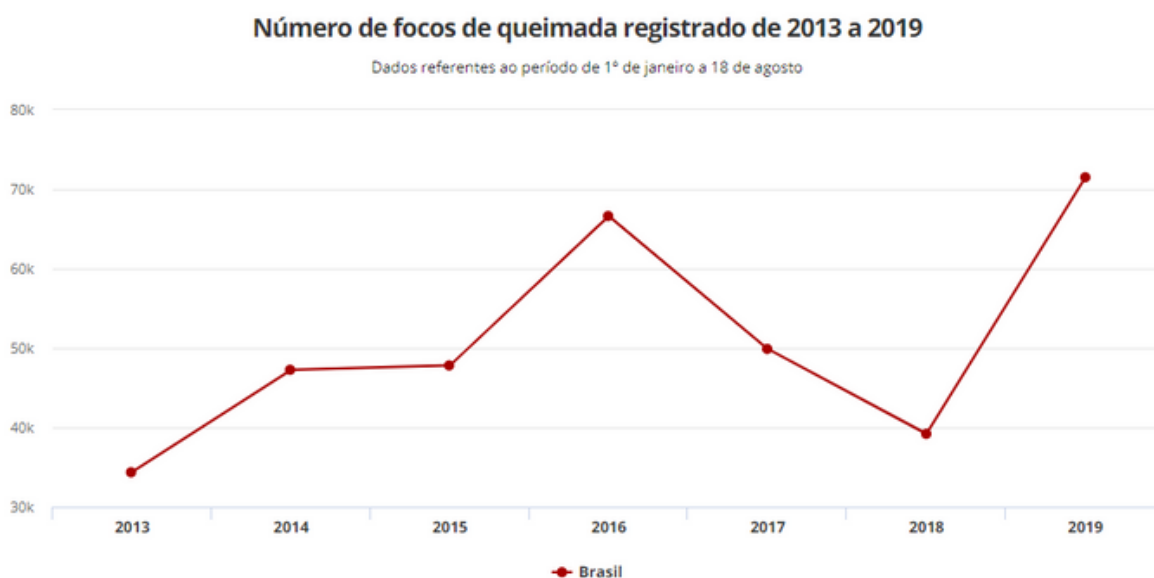
Fonte: <http://www.correiodadania.com.br/meio-ambiente/13094-cade-o-aquecimento-global-frio-nos-eua-1> (2018).

Figura 2 — Adulteração de informações sobre queimadas no Brasil pelo presidente de janeiro a agosto de 2019.



Fonte: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-e-merkel-conversam-sobre-recursos-para-amazonia/>

Figura 3 — E os dados reais abaixo.



Fonte: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/08/19/queimadas-aumentam-82percent-em-relacao-ao-mesmo-periodo-de-2018.ghtml>

O conceito de audiência presumida, desenvolvida por Alfredo Vizeu (2005), mostra como o telejornalismo, ao construir o conteúdo, traduz uma série de características imaginadas sobre o perfil do público, tendo em vista aspectos culturais, lógicas de mercado e regras de redação (CARVALHO e LOPES FILHO,

2012, p 132). Tendo então este viés da busca constante da audiência, é mais viável para a mídia publicar algo científico como curiosidade, atraindo assim um número maior de seguidores.

Um segundo ponto é que os jornalistas têm trabalhado de modo frenético porque tem que postar todo o dia, o tempo todo. Então, devido a esta falta de tempo, mesmo que um jornalista seja um acadêmico, ele não vai se especializar em cada uma das áreas científicas quando for realizar sua matéria. Dessa forma seria necessário que alguma comunidade trabalhasse em conjunto com estas mídias e que fossem responsáveis por estas transposições científicas, para que estas matérias não fossem publicadas de forma incorreta ou incompleta.

Na era digital em que vivemos, o acesso à informação é feito em um piscar de olhos. Se quisermos ter acesso neste momento ao número atualizado de casos de covid-19 no mundo, conseguiremos esta informação em menos de 2 minutos. Isso é benéfico quando necessitamos buscar informações importantes, mas é preciso ter cuidado. A avalanche de informações que recebemos diariamente pode causar dificuldade em nossas tomadas de decisões. Sem contar que existem também as Fake News, que são uma forma de imprensa marrom que consiste na distribuição deliberada de desinformação ou boatos via jornal impresso, televisão, rádio, ou ainda online, como nas mídias sociais. Então é preciso que, mesmo com o nosso ritmo acelerado de vida atual, as informações que formos passar adiante sejam averiguadas primeiro.

É possível verificar na imagem a seguir (Figura 4, uma matéria que, se a pessoa ler somente o título e não se aprofundar, ela pode ser passada adiante de uma forma equivocada.

Figura 4 — Matéria do G1 sobre a temperatura global no século 20.

22/04/2013 11h25 - Atualizado em 22/04/2013 15h01

Temperatura global no século 20 foi a maior em 1.400 anos, diz estudo

Cientistas analisaram as temperaturas no planeta nos últimos 2 mil anos. Fato é atribuído a ciclo natural do Sol e a flutuação de erupções vulcânicas.

Fonte: <http://g1.globo.com/natureza/noticia/2013/04/temperatura-global-no-seculo-20-foi-maior-em-1400-anos-diz-estudo.html>

A matéria mostra um estudo publicado na revista “Nature Geoscience”. Neste estudo foi reconstruído em escala global as temperaturas do planeta dos últimos 2 mil anos e foi constatado que o século 20, período em que a influência humana se tornou mais significativa, foi o mais quente em todo o planeta em 1400 anos. O estudo, coordenado pela Universidade de Nova Gales do Sul, na Austrália, e que teve a participação de 78 cientistas de 24 países, conseguiu refazer o “mapa da temperatura” a partir de 511 amostras que incluem medições dos anéis em troncos de árvores, recifes de corais, núcleos de gelo, formações em cavernas, além de documentos históricos.

Na geociência, a escala de temperatura considera períodos em que os dinossauros, por exemplo, existiam. Em alguns momentos nesses períodos também denominados de “eras”, a temperatura era muito superior a encontrada agora. Por isso, é preciso ter cuidado, pois se lermos somente o título desta matéria: “Temperatura global no século 20 foi a maior em 1400 anos, diz estudo”, seria fácil compartilhá-la como sendo uma matéria que trata sobre aquecimento global. Diríamos que o G1 está atribuindo as mudanças climáticas ao ciclo natural do Sol e as erupções vulcânicas, o que não corroboraria com a ciência, trazendo uma imagem irreal.

Um outro motivo seria o próprio público. Quando dizem que as matérias estão cada vez mais curtas e que em geral são feitas para pessoas que tem um ritmo de vida acelerado e por esse motivo não tem compromisso com a leitura, isso não condiz com a realidade. Existem levantamentos que demandam tempo e seriedade,

vide as matérias do The Intercept² sobre o aquecimento global. Não somente o The Intercept, mas levantamentos feitos para desmascarar fake news e políticos que estão atualmente no poder, foram expostos com um grande número de dados. Certamente os canais de curiosidades tem milhões de inscritos e os canais científicos tem muito menos do que deveriam, mas é preciso dar o crédito para estes canais, pois eles vêm trabalhando com seriedade.

Um tema como o meio ambiente deve ser abordado de forma cuidadosa para que a população não fique desinteressada por algo que é tão importante. Por isso é necessário que haja uma preparação dos jornalistas, pois não se deve lidar com ciência da mesma forma que se lida com política, com conflitos e muito menos com curiosidades.

Lidar com o meio ambiente de forma casual em grandes veículos de comunicação, implica em acentuar a ignorância de um grupo muito grande de pessoas. E essa ignorância não é fruto do acaso, mas resultado de uma intervenção política e cultural ampla, que tem como objetivo obscurecer a informação e a compreensão da população sobre o tema (LEITE, 2014, p. 179-180). Para um governo que não se importa em queimar a Amazônia e o Pantanal, seria muito cômodo que estas informações não fossem passadas a população. E para uma mídia controlada por este governo, fica explícito o poder de fala que é instituído a pessoas que negam as alterações climáticas e que se mostram adversos quando se trata da preservação do meio ambiente.

3.3 NEGACIONISMO CLIMÁTICO

As mudanças climáticas têm sido tema de muito alarde e discussão em todo mundo, tendo a ONU organizado as conferências sobre o meio ambiente justamente para se discutir o tema. O principal marco do processo de internacionalização do debate em torno dos temas ecológicos ocorreu com a Conferência de Estocolmo, oficialmente denominada de “Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (DIAS, 2017, p. 8-9). No entanto, a pauta que é discutida nestas conferências é “como lidar com o problema” e não “se o problema existe”. Após a

²<https://theintercept.com/2021/08/13/deconstructed-climate-crisis-ipcc/>

presença do problema, as conferências trazem o “como lidar”. Vale a pena ler os relatórios do IPCC ao longo dos anos e observar a mudança e a colaboração de muitos pesquisadores em provar que a mudança climática existe.

Mesmo assim, existem inúmeras pessoas em todo mundo que não apoiam a preservação ambiental, fazem palestras e dão entrevistas negando problemas ambientais e alterações climáticas.

Esses negadores se intitulam como céticos, embora erroneamente, pois o ceticismo é a base do método científico e negar as alterações climáticas simplesmente por negar ou porque atrapalhará o avanço das grandes empresas, manipulando ou negando evidências, são alegações pseudocientíficas. Estes negacionistas do clima representam uma parcela muito baixa na comunidade científica, mas o seu discurso tem atingido uma parcela muito grande da população que, leiga no assunto, acaba aceitando as suas falsas evidências.

Os relatórios de mudanças climáticas, o IPCC, onde a ONU e as conferências se respaldam vão ao contrário da premissa destes negacionistas. Esses relatórios de análises das mudanças climáticas receberam o Nobel da Paz, mostrando a seriedade com que são feitos.

E é claro que isto não acontece somente no Brasil, os EUA também é um exemplo onde as pessoas dão as costas para as mudanças climáticas. O jornal El País fez uma matéria sobre o assunto (Figura 5).

Figura 5 — Matéria do jornal El País.

≡ EL PAÍS

OPINIÃO

COLUNA

A negação da mudança climática dos republicanos

Estamos diante de pessoas que deram as costas à ciência quando essa atitude coloca em perigo nada menos do que o futuro da civilização

Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/04/opinion/1449232645_267388.html (2015).

Existem inúmeros casos de negacionismo ambiental em todo o mundo, muitas empresas (ruralistas e petrolíferas) se dizem inibidas de seu crescimento

tecnológico devido às práticas adotadas a favor do meio ambiente. Um exemplo destas empresas é a ExxonMobil dos EUA, o histórico da Exxon em negação da ciência climática e conversas duplas sobre o clima vem crescendo a algum tempo (GREENPEACE, 2016).

Um outro exemplo parecido é o do cientista Wei-Hock Soon, que publica há 14 anos pesquisas científicas que negam mudanças climáticas. Em 2015 foi descoberto que o mesmo estava sendo financiado por companhias de energia para negar o aquecimento global. De acordo com documentos obtidos pelo Greenpeace, o cientista recebeu U\$ 1,2 milhão nestes 14 anos de trabalho (ORF, 2015).

Em uma entrevista em 2012, no programa do Jô Soares, o professor da Universidade de São Paulo (USP) Ricardo Felício fez questão de dizer que o aquecimento global não passava de uma farsa. Naquela entrevista, o então anônimo professor argumentou que “o aquecimento global é apenas uma hipótese” e que o “efeito estufa é a maior falácia da história”. Em seguida, declarou que “a floresta amazônica nada influencia no clima da Terra, e que se fosse completamente desmatada, a floresta se reconstituiria em 20 anos” (MIGUEL, 2020, p. 2). E isso tudo, é claro, sem mostrar nenhuma evidência destas informações.

Indo contra estas negações e cogitando uma forma de controlar o aumento de gases que causam o efeito estufa, e por consequência o aquecimento global, foi criado pela ONU em 2001 o Protocolo de Kyoto. Este tratado seria controlado mediante o compromisso internacional de uma gradativa redução do lançamento dessas substâncias na atmosfera (CONTI, 2005, p. 70). Mesmo contando com mais 50 países membros, os Estados Unidos, maiores emissores mundiais (36,1%), negaram-se a aderir sob o argumento de que, isso afetaria significativamente sua economia (CONTI, 2005, p. 70).

Ainda sobre os Estados Unidos, como podemos ver na matéria a seguir (Figura 6), o ex-presidente Donald Trump, na época do seu mandato, havia dito simplesmente que não acreditava no relatório climático do seu próprio país, como se fosse uma questão de acreditar como ET de Varginha e Mula Sem Cabeça. “Não acredito’. Com estas palavras o ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, derruba 1.656 páginas de um relatório que detalha os devastadores efeitos da mudança climática para a economia, a saúde e o meio ambiente. Pouco ou nada

importa ao mandatário que o estudo seja respaldado por 300 cientistas de 13 agências federais, e que sua preparação seja uma exigência legal.”

Figura 6 — O presidente Donald Trump nega alterações climáticas nos EUA.



The image shows a screenshot of a news article from the website EL PAÍS. The page has a blue header with the logo 'EL PAÍS' on the left, 'INTERNACIONAL' in the center, and 'ASSINE' on the right. Below the header, there is a sub-header 'MEIO AMBIENTE >'. The main title of the article is 'Trump sobre relatório climático do seu Governo: “Não acredito”'. Below the title is a subtitle: 'Presidente dos EUA nega o impacto econômico previsto no documento da própria Casa Branca'. There are social media sharing icons for Facebook, Twitter, and Email. The author's name 'YOLANDA MONGE' and the date 'Washington - 27 NOV 2018 - 13:14 CET' are visible. At the bottom of the article, there is a photograph of Donald Trump sitting in a chair, with an American flag and the Presidential Seal in the background.

Fonte:

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/27/internacional/1543283242_634443.html?fbclid=IwAR367lhYiT_FosmKp2vgnlpseiLnVi2A2DSYFmrEADdxhxJ51evBGrjU_Y

E infelizmente, como um fiel seguidor dos ideais do antigo presidente americano, o nosso atual presidente, Jair Messias Bolsonaro, também é um severo negador da ciência. Como se não bastasse dizer que as vacinas contra a COVID-19 não funcionam, o atual presidente se mostra incrivelmente disposto a organizar um desmanche no meio ambiente brasileiro. Diversas ameaças começaram ainda na campanha, como: retirar o Brasil das Nações Unidas e do Acordo de Paris, despir o Ibama do poder de licenciamento, abolir o Ministério do Meio Ambiente e repassar funções destes para as pastas de Minas e Energia e de Agricultura (FEARNSIDE, 2019, p. 38). Hoje, com mais de três anos de governo, vivenciamos uma catástrofe ambiental sem precedentes, índices de queimadas e desmatamentos nas alturas,

povos indígenas sem território, áreas de preservação não respeitadas, agricultores em cargos públicos e assim por diante.

Para que seu governo fosse amplamente contra a preservação do meio ambiente, Bolsonaro nomeou Ricardo Salles para ser ministro do Meio Ambiente. O ano de 2020 ficou marcado pelas inúmeras queimadas no Pantanal e durante seu ministério, o Brasil bateu recordes de desmatamento e assistiu ao desmonte de órgãos de estado ligado a fiscalização de problemas ambientais, no caso o Ibama. Foi também em 2020, precisamente em abril, em uma reunião que reunia inúmeros ministros mais o presidente da República, que Salles disse uma fala que repercutiu enormemente, tanto em âmbito nacional como internacional, e foi repetida diversas vezes em rede nacional e na internet. O ministro sugeriu que, uma vez que a cobertura midiática estava quase que completamente voltada à pandemia da COVID-19, o governo deveria “aproveitar a oportunidade” para “ir passando a boiada” nas leis de proteção ambiental. Em outras palavras, o ministro reconhece em seu discurso que, por ser um dos mais visados pela mídia e órgãos de controle, seria mais difícil para seu ministério aprovar medidas (RIBEIRO E ALMEIDA, 2021, p. 3).

Como as negações climáticas são um tema que “vem bem a calhar” para os produtores rurais, pois inibiriam de suas costas os problemas de emissão de metano e desmatamentos, fica incrivelmente fácil de encontrar as palestras do professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) Luiz Carlos Baldicero Molion em meio ruralista. Em algumas destas palestras utiliza frases como: o aquecimento global é totalmente questionável e amparado em ‘imbecilidades’ (MOLION, 2009, p. 4). Pode-se também verificar em um dos blogs que promovem suas palestras que, ainda nos dias atuais, existem pessoas considerando que o alarmismo ambientalista, assim como o multiculturalismo, o antitabagismo e a “anti-homofobia”, uma das principais armas utilizadas na construção do poder mundial (GURJÃO, 2010). Provavelmente o professor Molion é financiado pelo meio ruralista, mas o que ele fala não é considerado, por exemplo, por compradores de produtos agrícolas internacionais.

Já sobre o efeito estufa, um fenômeno natural de aquecimento que acontece em nosso planeta, que inclusive pode ser verificado nos livros de física e materiais acadêmicos (BARBOSA, FEARNside E GIORDANO, 2012), para Molion (2013) parece ser só mais um caso forjado pelo meio científico: “ele nunca foi provado

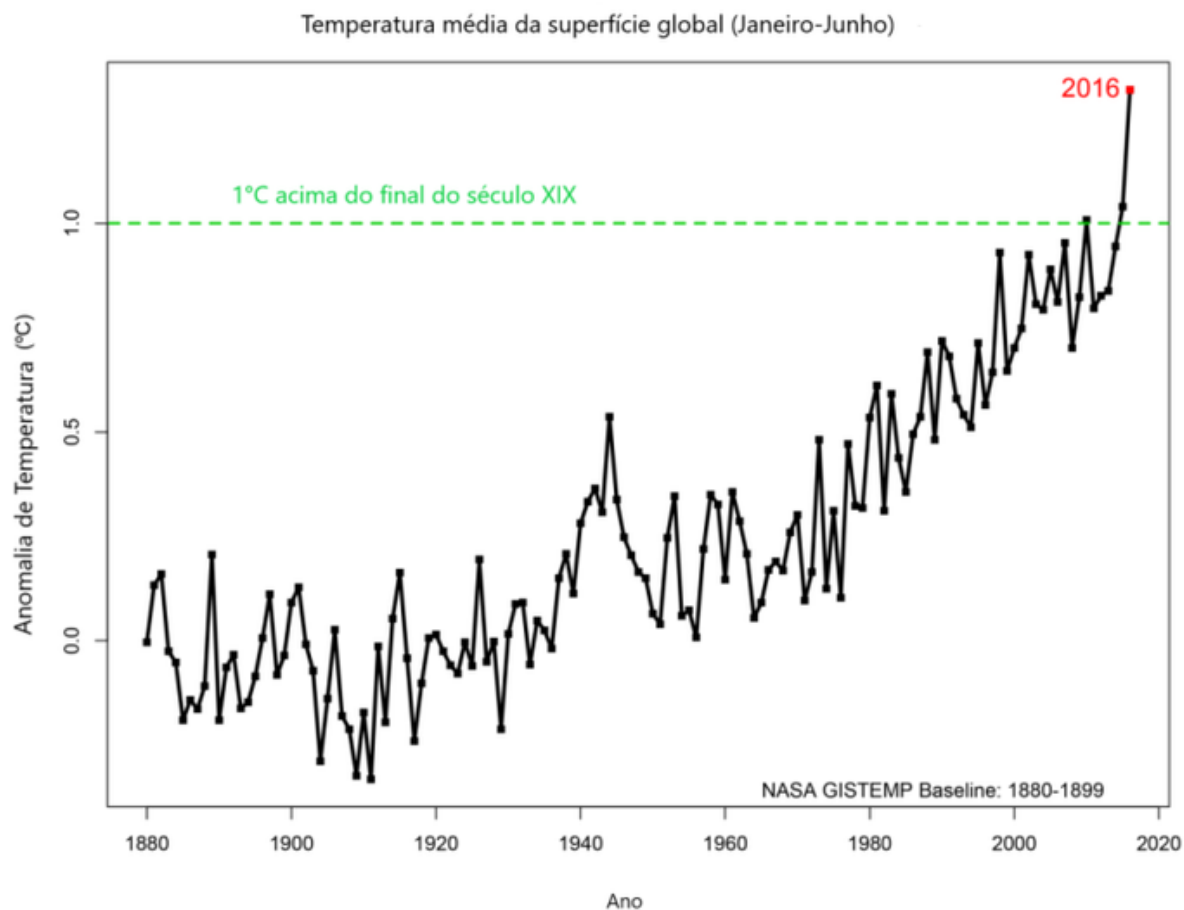
cientificamente. Eu fiz Física na Universidade de São Paulo, nunca tinha ouvido falar de efeito-estufa”.

Com tantas distorções sobre o tema e negações sobre as alterações climáticas, podem surgir algumas dúvidas aos leitores: os negacionistas climáticos estão certos? Será que estas alterações e problemas ambientais realmente existem?

Dentre as questões ambientais, o aquecimento global parece ser o mais visado entre os negadores, provavelmente devido este ser causado por inúmeros outros problemas como: a emissão descontrolada de gases do efeito estufa, queimadas de matas e florestas, desmatamento, desenvolvimento urbano sem planejamento e desertificação.

O gráfico a seguir (Figura 7) exibe uma média de temperatura do planeta, de 1880 até 2016, é possível verificar que até a década de 1980 a média de temperatura ainda era a mesma que foi durante todo o século 20. No entanto, quanto mais se aproxima do ano de 2016, mais a temperatura tem crescido progressivamente.

Figura 7 — Temperatura média do planeta de 1880 à 2016.



Fonte: <https://medium.com/@rfoltram/você-pode-até-estar-com-frio-mas-o-planeta-nunca-foi-tão-quente-2dabe21292fc>

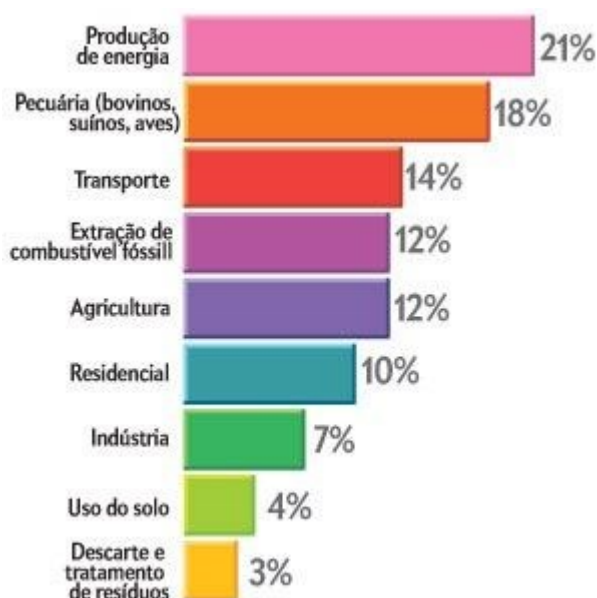
O aumento de temperatura do planeta está diretamente ligado ao acúmulo de CO₂ na atmosfera terrestre. Isto ocorreria em virtude da capacidade de bloqueio desse gás sobre a radiação de onda longa procedente do planeta, produzindo o que se passou a chamar de efeito estufa (CONTI, 2005, p. 71). Ter algum efeito estufa possibilita a vida como ela é hoje, se a Terra não tivesse atmosfera ela poderia ser em média 33°C mais fria. Porém, isto não é motivo para que a emissão dos gases-estufa seja feita de forma descontrolada.

Há outros gases que produzem o mesmo resultado, tais como o metano (CH₄), óxido nitroso (N₂O), ozônio (O₃), clorofluorcarbonos (CFCs), etc., além de vários tipos de aerossóis (CONTI, 2005, p. 72). Dentre estes, podemos destacar o metano, produzido em larga escala por atividades agrícolas como a pecuária.

Segundo Monteiro et. al. (2018) a emissão de metano pelos ruminantes é responsável por 22% deste gás na atmosfera, constituindo a terceira maior fonte em escala global.

Na imagem a seguir (Figura 8) é possível visualizar os principais emissores de gases do efeito estufa. A pecuária é uma das principais causadoras devido à emissão de CH₄, ficando atrás apenas da produção de energia.

Figura 8 — Principais emissores de gases do efeito estufa.



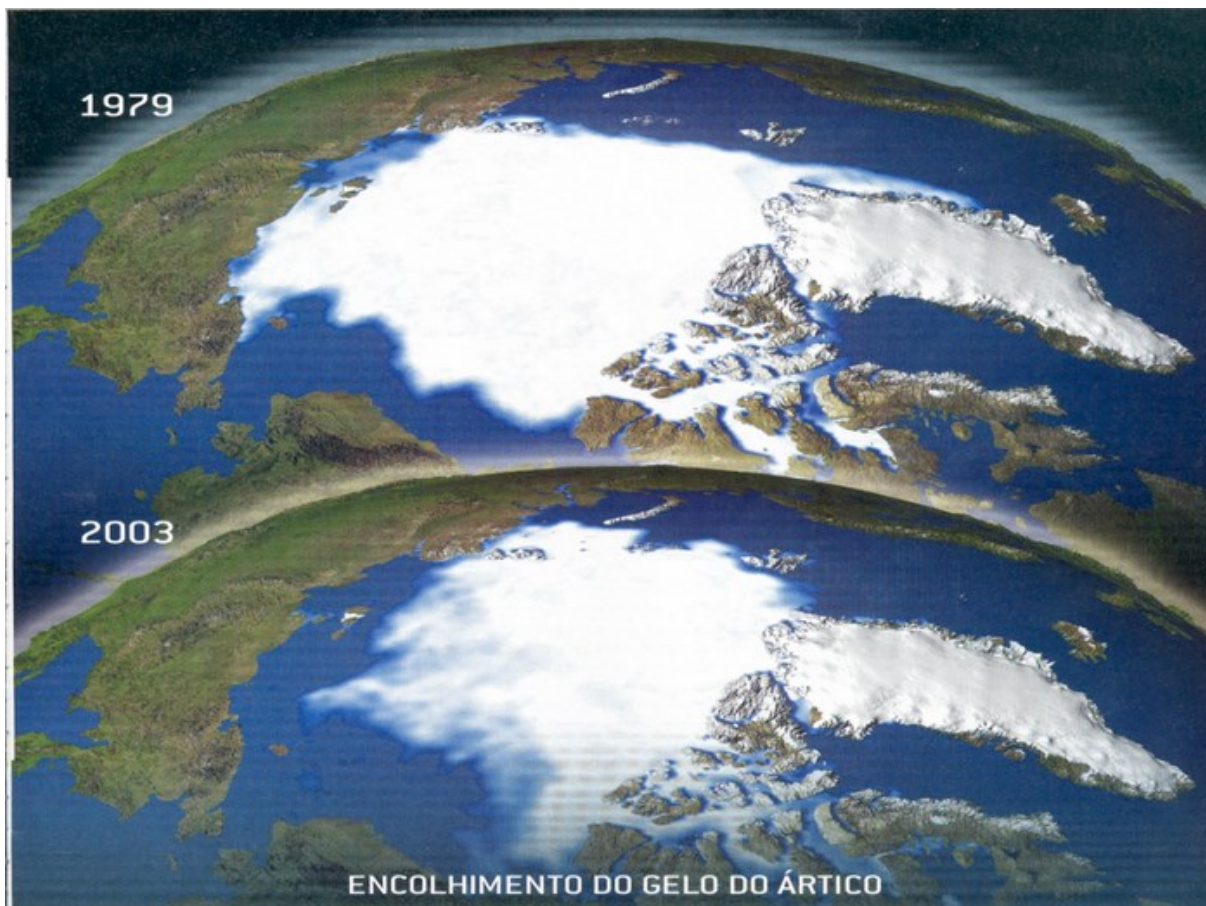
Fonte: <https://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/carne-bovina-e-gases-do-efeito-estufa>

Existem suposições de que o aumento de gases do efeito estufa não está ligado à ação humana, devido, por exemplo, à emissão de dióxido de carbono em atividades vulcânicas. Mas se compararmos ambas emissões de CO₂, tanto antropogênica como vulcânica, a emissão de dióxido de carbono antropogênica alcançou o valor de 24,23 Gt CO₂/ano no ano de 1998 (= 6,61 x 10⁹ toneladas de carbono ou 6,608 Gt de carbono) (RHODE E PHILOMENA, 2004, p. 1). Enquanto que o valor anual médio da emissão de (CO₂) carbono pelos vulcões atualmente ativos é de cerca de 0,1 Gt/ano, ou seja, a emissão antropogênica é 70 vezes maior do que a natural (RHODE E PHILOMENA, 2004, p. 1).

O aquecimento global também causa o derretimento das calotas polares na Antártida e no Ártico fazendo com que o nível do mar aumente, o aumento do nível médio relativo do mar trará consequências econômicas para a pesca, a agricultura, a navegação, a recreação, o lançamento de efluentes, a proteção costeira, a produtividade biológica e a diversidade (Comissão Nacional Independente sobre os Oceanos, 1998). As medições do nível atual dos oceanos são feitas pelo IPCC (Intergovernmental Panel on Climate Change) uma organização científico-política criada em 1988 que tem como objetivo principal a divulgação de conhecimento sobre as mudanças climáticas. Em relatório recente (2013), que contou com a participação de mais de 50 autores, o IPCC novamente confirmou o aumento do nível médio dos oceanos e os danos que este aumento pode causar.

Na figura a seguir (Figura 9), o registro da NASA compara a diminuição do gelo ártico entre 1979 e 2003.

Figura 9 — Diminuição do gelo ártico entre 1979 e 2003.



Fonte: <https://supimatec.wordpress.com/2016/03/29/niveis-de-gelo-no-oceano-artico-atingem-um-novo-marco-alarmante/>

Outra forma que tem sido comum de negar as mudanças climáticas está sendo insinuar que as estações meteorológicas estão erradas. Como é possível verificar na imagem abaixo (Figura 10) só no Brasil existem diversas estações meteorológicas para coleta de dados para análise do tempo e do clima, mas será que todas, sem exceção, estão erradas?

Figura 10 — Estações meteorológicas brasileiras.



Fonte: http://www.inmet.gov.br/portal/index.php?r=home/page&page=rede_estacoes_auto

A essa altura vale ressaltar que para que um artigo científico seja publicado em uma revista ou em um site primeiro ele passa por todo um crivo e uma análise da própria fonte onde será publicada. Não basta apenas escrever e publicar, não basta supor, se algo foi publicado é porque tem embasamento científico para isto. Então quando um negador se mostra contra alguma tese ou trabalho científico, ele está se baseando em que? Se estiver se baseando em argumentos científicos, onde está este argumento/tese/artigo? Onde foi publicado?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos então que a grande mídia, na sua busca incansável pela audiência, tem aberto as suas portas para o negacionismo climático e para a deturpação de assuntos científicos, seja em TV aberta ou fechada, em revistas ou mesmo na internet. E é claro que as consequências destas informações equivocadas são desastrosas. Quando as opiniões deturpadas destas pessoas são passadas para uma população que acredita em terra plana, que vacina não funciona, enfim, uma população leiga cientificamente, para este tipo de sociedade adquirir esta conscientização ambiental, em meio a tantas negações, fica ainda mais difícil.

Verificamos também que para uma pessoa que nega as alterações climáticas nenhum problema ambiental, seja o efeito estufa, o desmatamento, a degradação da camada de ozônio, o aquecimento global, entre outros, é verídico. Será que não tem nenhum problema? Os cientistas estão todos errados? Publicações em revistas científicas são apenas suposições? Estes oponentes das mudanças climáticas criam uma ilusão de que existe um debate científico quando na verdade este não existe.

A indução da ignorância ou da dúvida sobre temas onde já existe um consenso científico tornou-se uma prática comum na sociedade atual (LEITE, 2014, p. 180). Por isso é importante que uma pessoa busque ter um conhecimento científico mais abrangente, para que ela tenha um olhar cético em relação às negações ambientais, colocadas cada vez mais em ênfase pela grande mídia, pois quando se trata de alterações climáticas não se trata de crença e sim de fatos.

Cuidar do meio ambiente não é algo da nossa atualidade. Em 1987 já havia sido criado o Protocolo de Montreal no qual a principal pauta era: a defesa do meio ambiente, evitando que atividades humanas (antrópicas) inviabilizem a vida sobre a Terra, poluindo-a e degradando-a (SILVA, 2009, p. 1).

Acredito estarmos próximos de uma época de transição, um período em que uma mudança de comportamento será uma necessidade e não uma opção, pois ter responsabilidade com o meio ambiente é o mesmo que cuidar e preservar nossa própria espécie. De acordo com Sagan (1996):

“Não há nenhuma causa mais urgente, nenhuma tarefa mais apropriada do que proteger o futuro de nossa espécie. Quase todos os nossos problemas

são provocados pelos humanos e podem ser resolvidos pelos humanos. Nenhuma convenção social, nenhum sistema político, nenhuma hipótese econômica, nenhum dogma religioso são mais importantes.”

Será que já paramos para pensar em quantas espécies já deixaram de existir devido à ação antrópica? Quantos rios já foram poluídos? Quantas florestas já foram derrubadas? E quantos (as) mais precisaram ser para que possamos perceber que estamos sendo irresponsáveis com o nosso planeta? Proteger o meio ambiente, não quer dizer apenas preservar a fauna e a flora do planeta o que já seria motivo suficiente, mas também preservar a nossa própria espécie.

REFERÊNCIAS

Barbosa, R. I., & Fearnside, P. M. (1999), **Incêndios na Amazônia Brasileira: estimativa da emissão de gases do efeito estufa pela queima de diferentes ecossistemas de Roraima na passagem do evento “El Niño”**. Manaus. Acta Amazonica vol. 29 no. 4.

Bauman, Z. (2003), **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos** (p. 8). Leeds: Polity Press; Edição: 1.

Carvalho, R. S. S. O.; Lopes Filho, B. B. **Tabagismo em diálogo: olhares sobre o discurso do Ministério da Saúde. Organicom, [S. l.]**, v. 9, n. 16-17, p. 125-139, 2012. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2012.139133. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/139133>. Acesso em: 19 mar. 2022.

Clandinin, D. J., & Connely, F. M. (2011), **Narrative Inquiry: experience and story in qualitative research**, (p. 250). Translation: Narrative Inquiry Group and Teacher Education ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU.

Comissão Nacional Independente Sobre Oceanos. (1998), **O Brasil e o mar no século XXI: relatório aos tomadores de decisão do país**. Rio de Janeiro.

Conti, J. (2005), **Considerações sobre as mudanças climáticas globais**: Revista do Departamento De Geografia, 16, (p. 70 e 72). São Paulo. Portal de Revistas da USP.

Cortella, M. S. (2017), **Viver em paz para morrer em paz: se você não existisse, que falta faria?** (p. 80/137-138). Londrina: Adobe Garamond e Bliss Pro, Editora Planeta do Brasil.

Church, J. A. et al. (2013), **Sea level change**. IPCC. Cambridge University Press, Cambridge, United Kingdom and New York, NY, USA.

Cunha, M. I. (1997), **Conte-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino**. (vol.23, n.1-2). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100010&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-2555. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010>. Acesso em: 28/05/2019.

Dawkins, R. (2003), **Capelão do diabo: ensaios escolhidos** (p. 25-29). Oxford: Weidenfeld & Nicolson; Edição: New Ed.

Dias, E. S (2017), **Os (des) encontros internacionais sobre o meio ambiente**: da conferência de Estocolmo à Rio+20 – expectativas e contradições (p. 8-9). Caderno prudentino de Geografia, Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Local Presidente Prudente.

Farias, V. (2019), **STJ manda soltar funcionários da Vale e engenheiros presos após desastre em Brumadinho**. O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/stj-manda-soltar-funcionarios-da-vale-engenheiros-presos-apos-desastre-em-brumadinho-23430065>. Acesso em: 22/09/2019.

Fearnside, P. M. (2009), **As Hidrelétricas de Belo Monte e Altamira (Babaquara) Como Fonte de Gases do Efeito Estufa**. Repositório do INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia).

Fearnside, P. M. (2019), **Retrocessos sob o Presidente Bolsonaro: um desafio à sustentabilidade na Amazônia** (p. 38). Sustentabilidade International Science Journal, V.1, N.1. 2019, abril/junho.

Felice, M, D., Torres, J, C., Yanaze, L, K, H. (2010), **Ecologia, mídia e pós-modernidade**. Comunicação e Sociedade, vol. 18, pp. 85-96.

G1 (2019), **Sobe para 221 o número de mortos identificados na tragédia da Vale em Brumadinho**. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/04/04/sobe-para-221-o-numero-de-mortos-identificados-na-tragedia-da-vale-em-brumadinho.ghtml>. Acesso em: 22/09/2019.

G1 (2019), **Queimadas aumentam 82% em relação ao mesmo período de 2018**. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/08/19/queimadas-aumentam-82percent-em-relacao-ao-mesmo-periodo-de-2018.ghtml>. Acesso em: 21/03/2021.

Giordano, N. J. (2012), **College Physics** (p. 471). Oakland: Volume 1, 2nd Edition: Reasoning & Relationships. Cengage Learning.

Gleiser, M. (2013), **Criação imperfeita** (p. 368). 6 ed. Rio de Janeiro: Record.

Greenpeace (2016), **Exxon's climate denial history: a timeline**. Greenpeace. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/usa/global-warming/exxon-and-the-oil-industry-knew-about-climate-change/exxons-climate-denial-history-a-timeline/>. Acesso em: 22/09/2019.

Gurjão, D. (2010), **Convite à palestra “Aquecimento Global: mito ou realidade”**. Libertad Matters. Disponível em:

<http://libertadmatters.blogspot.com/2010/03/convite-palestra-aquecimento-global.html>. Acesso em: 07/10/2019.

Lieblich, A., Tuval-Mashiach, R. & Zilber, R. (1998), **Narrative Research: Reading, Analysis and Interpretation**. Thousand Oaks, CA: Sage.

Leite, J. C. (2014), **Controvérsias científicas ou negação da ciência? A agnotologia e a ciência do clima** (p. 179-180). *Scientiae Studia*, São Paulo, V. 12, n. 1.

Madeiro, C (2009), **“Não existe aquecimento global”, diz representante da OMM na América do Sul**. UOL. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/ultimas-noticias/redacao/2009/12/11/nao-existe-aquecimento-global-diz-representante-da-omm-na-america-do-sul.htm>. Acesso em: 06/10/2019.

Miguel, J. C. H. (2020), **Negacionismo climático no Brasil revista coletiva** (p. 2). Revista de divulgação científica coletiva. Dossiê 27. Crise climática.

Molion, L. C. B. (2013), **Aquecimento global antropogênico: fatos e mitos** (p. 4). Laboratório de Clima, Instituto de Ciências Atmosféricas. Alagoas. ICAT/UFAL.

Molion, L. C. B. (2009), **Fenicafé: aquecimento global é totalmente questionável, diz Molion**. Revista Cafeicultura. Disponível em: <https://revistacafeicultura.com.br/index.php?tipo=ler&mat=20329>. Acesso em: 07/10/2019.

Monteiro, A. L. G., Faro, A. M. C. D. F., Peres, M. T. P., Batista, R., Poli, C. H. E. C. & Villalba, J. J. (2018), **The role of small ruminants on global climate change** (p. 1-11). *Acta Scientiarum. Animal Sciences*.

Orf, D. (2015), **Cientista que nega o aquecimento global era financiado por empresas de energia**. Gizmodo. Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/cientista-que-nega-o-aquecimento-global-era-financiado-por-empresas-de-energia/>. Acesso em: 29/09/2019.

Pecker, J. C. (2004), **The provocative razor of William of Occam** (p. 185-190). *European Review*. V. 12, n. 2.

Poder 360 (2019), **Bolsonaro e Merkel conversam sobre recursos para a Amazônia**. Poder 360. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-e-merkel-conversam-sobre-recursos-para-amazonia/>. Acesso em: 21/03/2021

Ribeiro, C. B. & Almeida, M. C (2021), **“Passando a boiada”**: aspectos dialógicos e interdiscursivos em textos relacionados ao discurso do Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles (p. 3). Ver. Estud. Ling., Belo Horizonte.

Rhode, G. M., & Philomena, A. L. (2004), **Emissão antropogênica de CO₂ e sustentabilidade** (p. 1). São Paulo. Ciência e Cultura vol. 56 no. 4 Oct./Dec.

Robin, L. (2018). **Environmental humanities and climate change: understanding humans geologically and other life forms ethically.** (p. 1). **Wiley Interdisciplinary Reviews: Climate Change**, v. 9, n. 1, p. e499.

Sagan, C. (1996), **Bilhões e Bilhões: reflexões sobre a vida e a morte na virada do milênio** (p. 91). 1° ed. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

Silva, C. H. R. T. (2011), **Estocolmo’72, Rio de Janeiro’92 e Joanesburgo’02: as três grandes conferências ambientais internacionais** (p.1). Senado Federal: núcleo de estudos e pesquisas. Boletim do Legislativo nº 6.

Silva, D. H. (2009), **Protocolos de Montreal e Kyoto: pontos em comum e diferenças fundamentais.** Revista Brasileira de Política Internacional, vol.52, núm. 2 (p. 155). Brasília. Instituto Brasileiro de Relações Internacionais.

Silva, M. L. N & Mansur, K. L. (2020), **Ecocentrismo e sua Aplicabilidade em Estudos da Geodiversidade.** (p. 1). Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ.

Silva, M. B., Araújo, C. L., Silva, J. M. A. & Silva, J. S. (2021), **A Representação Jornalística das Tragédias de Brumadinho e Mariana: afinal, do que estamos falando?** (p. 1). International Journal of Marketing, Communication and New Media. Special Issue on Qualitative Research in Marketing and Communication, August 2021, 75-93.